

---

## A PESCARIA QUE SE TORNOU JURISPRUDÊNCIA\*

A chama da fogueira refletida nas águas do rio parecia até um bailado de luzes. O fogo já estava decrépito e não se sustentava no frio da madrugada. O vento cortante descia afunilado nas gargantas da serra que margeia o rio das Velhas, cheio de pedras e rebojos e povoado de estranhas estórias de assombração e mulas-sem-cabeça, crenças comuns naquela região do Chapadão do Bugre. Uma lua cheia dominava o céu, marchetado de milhões de estrelas. Meados de abril, semana da Paixão.

Em volta da fogueira, a prosa rouquenha do Tercides, velho chocho e enrugado, também conhecido por Gato de Botas, dava veracidade ao sinistro: contava e repassava situações vividas por garimpeiros, como ele, às margens daquele rio, estórias de lobisomens e famintas onças-pintadas. O pequeno grupo escutava, atento, entre um gole e outro de cachaça e lascas de lingüiça crua. E o Gato de Botas pintava e bordava os mais terríveis causos.

Noite da Paixão, interior de Minas, tudo é possível.

O negro Saca-Rolha já começava a pintar a carapinha, passava dos sessenta. Tinha chegado a essa região há uns dez anos, vindo de Goiás. A ele atribuíam mortes num garimpo de esmeraldas daquele Estado. Não era violento, antes, era até muito serviçal, os garimpeiros e os pescadores gostavam de sua companhia. Silencioso, com seu olhar avermelhado e mascando um naco de fumo, o negro ouvia as estórias. O outro garimpeiro era o Zé da Penha, cantador de folia, goela fina, sempre bêbado e metido a valente. Viúvo, pai de dez filhos menores, ali estava na esperança que só os garimpos dão. No acampamento ainda a cachorra paqueira do Tercides, que atendia pelo nome de Futrica.

Seu Adolfo era um homem sério, tinha comércio em Jundiá e, aproveitando os feriados, veio para Minas com a família. Deixou a mulher nas rezas da cidade e acompanhou o compadre Manelico e o amigo Tibúrcio numa pescaria no rio das Velhas, na barra do Ribeirão da Parida, onde os garimpeiros tinham acampamento. Apresentados, tornaram-se amigos, pescaram algumas tabaranas, alguns bagres e lambaris, que foram assados na fogueira. Completavam o grupo que ouvia as fantasias do Gato de Botas. O

\* Almir Salomão Jacób é professor na Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres - MT.

visitante paulista, homem da cidade, desacostumado com a mentirada que rola nas beiras de rio, sentia calafrios a cada ataque de onça ou a cada investida do sobrenatural.

“O que vim fazer aqui, meu Deus?”, pensou pesaroso.

O contador de estórias, astuto que era, percebendo o medo do outro, rebuscou os mais escabrosos causos. Zé da Penha, pra lá de bêbado, aninhado numa rede imunda dentro do rancho de palha, resmungava a cada final de narrativa: “Cumigo é assim: onça, mãe d’água, cabocro d’água e inté mesmo o capeta se parecê por aqui, eu rasgo o botão dê na faca, rasgo mesmo!” No princípio a turma achou graça, depois aquilo tornou-se repetitivo, como o canto do curiango.

Já beirava meia-noite quando se recolheram para dormir. O rancho era pequeno e, na sua humildade, sobrou para o Saca-Rolha dormir ao relento, talvez na solapa de alguma pedra, sobre folha de butiti. Que a Futrica lhe fizesse companhia, pra que mais? Da rede do Zé da Penha saíam roncões, peidos e uma catanga insuportável de pinga azeda. Noutra rede incômoda, Seu Adolfo sofria. A lembrança dos causos, o ataque da onça e o lugar onde se deitou, meio dentro e meio fora do rancho, não o deixavam conciliar o sono, estava tendo uma noite de cachorro.

Do alto do morro, o uivo de um lobo gelou-lhe a espinha. Uma coruja, em vôo rasante, gargalhou de modo tétrico e o vento da madrugada deu-lhe a impressão de que ribeirão rezava uma ladainha. O uivo repetido do lobo era uma agonia. Foi aí que Seu Adolfo levou a mão ao embornal e de lá tirou o que ninguém sabia – um revólver 38, e o colocou sob o chapéu, ao lado da rede.

O vento que varria o Chapadão resvalava na serra e canalizava no rio um frio cortante. Saca-Rolha arrastou-se de onde estava em direção à fogueira ou ao borralho quente. Veio lentamente, sem muito movimento, talvez para não esfriar alguma parte aquecida do corpo.

De repente um estampido seco e um grito de pavor estremeceram as águas do rio e ecoaram pelo Chapadão. Futrica latiu desesperada, e o pequeno rancho quase veio abaixo com o corre-corre dos homens que se pisavam, sem entender o acontecido. Nessa hora cura-se tudo, inclusive a cachaça do Zé da Penha que, de fora do rancho, foi o primeiro a dar conta do fato. Sua goela fina, num grito só, resumiu a tragédia: “Nossa Senhora D’Abadia da Água Suja, gente, mataro o finado Saca-Rôia!”

De bruças, com a cara atolada em brasas e parte do corpo no borralho, o negro dava

o último repuxo de vida. Fora vazado na testa com um tiro certo de 38.

Cambaleante, atordoado, revólver na mão, Seu Adolfo, como um espectro ao clarão da lua, chorando, gritou: “Eu pensei que fosse a onça!”

O crime abalou a cidade.

Na cadeia pública de Sacramento, Seu Adolfo esperou julgamento. Ali se definiu, perdeu a propriedade em Jundiá e experimentou a miséria. O Júri Popular deu-o por inocente; a Promotoria de Justiça apelou da sentença, queria a condenação.

O crime foi reexaminado pelo Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais que, em curioso Acórdão, reconheceu a inocência do acusado e tipificou o fato como putativo. A morte do Saca-Rolha tornou-se jurisprudência e é contada nos livros de Direito Penal nas faculdades. Em Sacramento houve quem pedisse a prisão do Gato de Botas, tido como responsável, mas a lei não abrigou a pretensão.

Hoje quem pesca na barra do Ribeirão da Parida, além das estórias de onças, mulas-sem-cabeça e lobisomem, ainda pode ouvir, em noite de lua cheia, o gemido agonizante do negro Saca-Rolha.

## **POR ENTRE AS SERRAS DE MINAS**

A estrada serpenteia a serra no seu último vão. Vencido que seja o vilarejo mostra-se por inteiro. Fiz uma parada. Aos meus pés, distância de tiro, o antigo Julgado do Desemboque, berço da colonização do Brasil Central, elo de ligação entre São Paulo e Goiás no século XVIII, hoje reduzido a duas igrejas bicentenárias e vinte casas: um pobre distrito da cidade de Sacramento, em Minas Gerais. O caminho outrora vencido por bandeirantes aventureiros era feito agora em espaço de horas na comodidade de meu carro que, do toca-fitas, enchia o ambiente com a nostalgia de um bolero antigo. Contemplei o lugar, emocionado, e fiz algumas fotografias.

Um ipê florido compõe a paisagem. O céu de final de agosto tem um azul profundo e as cigarras, com o seu canto agreste, transbordam o vale de melancolia.

Certa vez alguém, pesquisando a história, ao contemplar o Vilarejo, ajoelhou-se.